

O espaço da (grande dama) da crítica: entrevista com Moema de Castro e Silva Olival

*Ademir Luiz**; *Ewerton Freitas**
**Universidade Estadual de Goiás (UEG)*

Moema de Castro e Silva Olival é uma das mais importantes intelectuais goianas de todos os tempos e, o que é mais importante, encontra-se em plena atividade. Filha de Colemar Natal e Silva, fundador e primeiro reitor da Universidade Federal de Goiás (UFG), foi professora de Língua Portuguesa e Estilística, na graduação, e de Crítica Literária no curso de Mestrado em Letras e Linguística que fundou e coordenou por vários anos na UFG. Fundadora do Centro de Estudos Portugueses da UFG, membro da Academia Brasileira de Filologia, da UBE – GO (União Brasileira de Escritores – sessão Goiás) e do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, transformou sua coleção “O espaço da crítica” numa marca de excelência na crítica literária goiana e brasileira. Premiada dentro e fora do país, a professora Moema recebeu a comenda da Ordem do Mérito, conferida pelo presidente português Mário Soares, pela contribuição à divulgação da Língua Portuguesa, os prêmios Clara Ramos e Antônio Olímpio, conferidos pela UBE-RJ, o troféu Tiokô, na área de crítica literária, da UBE – GO, e o Prêmio Wendell Santos, da Secretaria de Cultura de Goiás, além de outros. Aposentada da academia, não deixa de produzir. Autora de mais de uma dezena de livros, tendo *A Literatura Brasileira e a Cultura Árabe* no prelo, lançou em 2012, na coleção Prosa & Verso, o volume *Contos (Des)armados*, sua estreia na ficção. Nessa entrevista, Moema de Castro e Silva Olival fala de sua nova empreitada enquanto escritora, de sua trajetória pessoal e acadêmica e de como se inspirou na vida para criar arte.

Ademir Luiz: Antes de entrarmos em sua obra crítica e literária, gostaria de discutir seus anos de formação. A senhora nasceu e iniciou seus estudos na Cidade de Goiás, fez o curso secundário no Colégio Sacre Coeur, no Rio de Janeiro, cidade onde também se graduou em Filosofia pela Faculdade Santa Úrsula. Sua segunda formação acadêmica foi em Filosofia, Ciência e Letras na Universidade de Goiás, que se

tornaria a Universidade Católica de Goiás. De que forma sua vivência de estudante em diferentes cidades, experimentando diferentes cenários urbanos e culturais, contribuíram em sua formação pessoal e intelectual?

Moema de Castro e Silva Olival: Nasci na cidade de Goiás, em 1932, de famílias que se impunham pelos traços peculiares. Meu pai, Colemar Natal e Silva, filho de Marcelo Silva, juiz eleitoral e deputado federal, responsável pela mudança do Tribunal Eleitoral da antiga capital para Goiânia, homem de largos horizontes, e de Eurydice Natal e Silva, filha de Guimarães Natal, primeiro goiano a ser Ministro da Fazenda, ambos de aperfeiçoada formação cultural, tendo sido Eurydice a primeira presidente de uma Academia de Letras, que, até então, seguia o modelo francês de só admitir homens. Distinguia-se, Eurydice, pelo culto das Letras e das Artes, tendo o hábito de fazer, já em Goiânia, seus “Chás literários”, em que se exercitavam música, declamações e teatro, e em que artistas e futuros artistas exibiam seus dotes, como Belkiss Spencièrè (piano), Joaquim Edson e Costinha (violinistas), Sônia Costa (Canto), Narcisa Cordeiro, (declamação,) contando, inclusive, com sua própria participação, já que tocava piano e cantava. Além do mais, na sua corujice de avó, exibia “seus talentos mirins” as netas. O estímulo inicial, como se vê, partiu de casa, interagindo com tendências hereditárias. Fiz o curso primário no Colégio Santo Agostinho, cuja sede, então, era no, hoje, antigo aeroporto. Com nove anos, fui interna no Colégio Sacré-Coeur, no Rio, onde fiz o preparatório (admissão) e me formei no ginásio. Colégio onde mamãe estudara, no Alto da Boa Vista, e que já tinha uma didática moderna, sobretudo, quanto ao ensino das línguas. Como hoje, a aluna iniciante era “jogada” num ambiente novo para ela (isto é, a cultura, a língua francesa, mesmo que tivesse entrado com muito pouco conhecimento, como eu, por exemplo. Avisos, comunicações, todas dadas em francês, nos levando a conviver com novo meio de comunicação. Tanto que, após seis meses de internato, fiz o papel de São Tarcísio, numa peça toda escrita em francês, e, pelos comentários, parece que me saí bem. Vindo para Goiânia, fiz o clássico no nosso querido Liceu, voltando ao Rio, depois, para prestar o vestibular para Letras, na Faculdade Santa Úrsula, onde tive ótimos professores; porém, no terceiro ano, tendo ficado noiva, fui “intimada” a retornar a Goiânia, onde terminei o curso, na Universidade Católica. Já casada e com filhos, lecionando, por concurso, na Universidade Federal de Goiás, atendi à orientação dos departamentos que necessitavam de corpo docente mais titulado. Então, fiz o Doutorado de Letras- Letras Clássicas e Vernáculas, na Universidade de São Paulo, tendo defendido a tese: “O processo sintagmático na obra literária”, versando sobre a obra de Bernardo Élis, alcançando nota dez, felizmente. Foram meus excelentes orientadores: Dr. Rolando Morel Pinto, Dr. Cidmar Paes e Dr. Alfredo Bosi. De volta, fundamos, aqui, com a colaboração da USP o mestrado em Letras, tendo sido a primeira coordenadora por oito anos. Quanto à vivência de estudante, experimentando diferentes cenários urbanos e culturais, posso dizer que a diversidade de métodos só me fez enriquecer intelectualmente, colaborando, e muito, para minha experiência docente, que se iluminou com o

esplendoroso título “Professora Emérita da Universidade”, havendo orientado muitas teses

Ademir Luiz: Pedro Ludovico concebeu Goiânia como uma cidade da cultura. Tão ou mais importante que o lançamento da Pedra Fundamental, em 1933, é o Batismo Cultural de 05 de julho de 1942. É muito comentado que os anos dourados da sociedade goiana teriam se dado na década de 1950. Quais as lembranças da senhora desse período? O objetivo de Pedro Ludovico estava se cumprindo?

Moema de Castro e Silva Olival: Goiânia nasceu sob o signo da Cultura. Se 1933 teve a importância de ser a data do lançamento da pedra fundamental, na verdade, a sua arregimentação cultural firmou-se a partir de 05 de julho de 1942, data do seu Batismo Cultural, quando aqui estiveram nomes importantes da cultura sul-americana como Pablo Neruda, incluindo a brasileira como Monteiro Lobato. As reuniões aconteciam no Cineteatro Goiânia, prestigiadas sempre por Pedro Ludovico e nossos intelectuais. O local em que os visitantes ficavam hospedados era no nosso Grande Hotel. A palavra de ordem mais frequente era a renovação, seguida por nossos mentores intelectuais – escritores em fase de produção (Geração 45), acompanhando a filosofia moderna da urgência de desenvolvimento, de que a mudança da capital da capital era um exemplo. Novas atitudes, nessa linha, surgiram em compasso de desenvolvimento cultural, como a criação de nossa Academia de Letras, em 1939, fundada por Colemar Natal e Silva, primeiro presidente, assessorado por alguns colegas como Honorato da Silva, Albathênio Godoy e outros, e hoje, considerado um baluarte de nossa Cultura, tendo sido o fundador e primeiro reitor da Universidade Federal, em 1960, e do Instituto dos advogados de Goiás. Mais tarde, pelo mesmo Colemar, denominado Homem-símbolo no mundo da inteligência em Goiás, pelo escritor, político, acadêmico José Luiz Bittencourt, que, insistindo na denominação acima, relevou sua capacidade de grande administrador, jurista e educador (qualidades geralmente excludentes). Também, um dos fundadores do Instituto Histórico de Goiás, de que foi presidente por vinte anos, em duas gestões, incentivando a criação do curso Estudos de Estudos brasileiros. A esse respeito disse o escritor e poeta Gilberto Mendonça Teles: “Uma das maiores realizações do reitor Colemar Natal e Silva é, sem dúvida, o Centro de Estudos Brasileiros, unidade educacional diferente, sem similares no nosso sistema universitário. Levando a termo uma sugestão do Prof. Agostinho da Silva, A Reitoria da UFG pôs em funcionamento o referido curso, que abrigava dois núcleos diferentes: O centro de Estudos Brasileiros, abrangendo um- “Curso de estudos Goianos” sobre a realidade de nosso Estado, e um “Curso de estudos Brasileiros” sobre a realidade nacional”. A esse depoimento, gostaríamos de acrescentar que, com seu olhar arguto, como afirmamos em “C.N.S: a memória nas dobras do tempo”, ele deixou, para a posteridade, um atuação marcada pelo sentimento de brasilidade e de cidadania, como quando – cidadão do mundo - atravessou fronteiras, buscando, num projeto de construtor do futuro, abrir os canais de

comunicação cultural do Brasil com a América, através da criação do centro latino-americano, junto à UFG e, também, a outros países da Europa, através da UNESCO (Organização das Nações unidas para a Educação, Ciências e Cultura), sempre desbravador de novas searas. No setor de comunicação, não podemos nos esquecer da criação do Jornal da Universidade “O quarto Poder”, que tendo por patrono Bernardo Élis, abrigou nossos avançados escritores, sobretudo jovens e que, infelizmente foi fechado pelo AI-5, por ser considerado subversivo. A partir de 1950, considerado os anos dourados da sociedade goiana, pouco tenho a relatar, uma vez que, estando interna no Rio, e, depois cursando a Universidade lá, só vivia o clima de Goiânia nos fins de ano, ficando, em cada vinda, mais admirada com o progresso de nossa terra.

Ademir Luiz: É muito comum encontrar em suas notas biográficas referências a seu pai, professor Colemar Natal e Silva. Porém, chama atenção o fato de que um nome não faz sombra ao outro. Colemar não é apenas o pai de Moema, assim como Moema não é apenas a filha de Colemar. Ambas são personalidades importantes e referenciais na cultura goiana. Tendo seu pai falecido em 1996, ele testemunhou parte considerável de sua trajetória. Literalmente, viu a senhora se consagrar como crítica literária. Nesse sentido, como se dava o diálogo intelectual entre vocês? Como esse diálogo passava pelo filtro da relação pai e filha?

Moema de Castro e Silva Olival: E por que, sempre me interessei pelo nosso movimento cultural, a proximidade de meus pais, Colemar e Genezy, advogados-professores-escritores, ambos, pois, elementos ativos nessa área, traziam-me ao vivo as novas realizações. Sobretudo papai, incansável idealista e executor, incentivador de nossas vitórias escolares, ambos salientando o papel das leituras como forma de amadurecimento e progresso, isto ajudava-nos a sonhar e a ver, na luta das conquistas, a promessa da vitória. Uma vez formada, já lecionando, opinavam sobre meus livros, não podendo me esquecer do grande interesse da minha querida vovó Dice (Eurydice), aquela que culta e inspirada, em 1904, foi presidente da primeira Academia de Letras de Goiás. Sobre isto, não posso me esquecer da emoção que nos tomou, a mim e a papai, quando lhe entreguei, ele já muito doente, o livro “Colemar Natal e Silva, no campo da Cultura em Goiás”. Neste livro, trago todos os depoimentos de papai, sobre o processo de organização da Universidade – administrativo e representativo – através de seus discursos, palestras e participação em congressos fora de Goiás e também aqui; fotos históricas, livro que a Editora da Universidade, criada quando era Reitor, editou com todo o carinho, em 1992. Seus discursos são semente viva de seus ideais, como podemos ver em textos como “Política democrática”, “O direito como fator de coesão social”, pronunciado no primeiro encontro nacional de Advogados, em 1979, e muitos outros. Interessante observar que, nesta obra, temos a fala de Colemar. Já no outro que também organizei, por ocasião de seu centenário, a fala é dos seus conterrâneos,

documentos preciosos dos que com ele conviveram e trabalharam. Estes, um dos grandes motivos que me levaram a admirá-lo mais e a amá-lo: a afinidade e proximidade com seus ideais culturais.

Ademir Luiz: No dia 19 de dezembro de 1996 a senhora tomou posse da cadeira nº 4 da Academia Goiana de Letras, ocupada anteriormente por seu pai. Como a senhora equalizou o elemento pessoal e a relevância cultural desse momento? O que a senhora destacou em seu discurso de posse?

Moema de Castro e Silva Olival: Havendo meu pai falecido, recebi o honroso convite de candidatar-me à Cadeira número 4, ocupada por ele, tendo por patrono, isto é, primeiro ocupante, o grande poeta Antônio Felix de Bulhões. Fiz prevalecer no meu discurso de posse valores, sem dúvida, atuais, mas que já eram comuns a alguns outros acadêmicos, e, sobretudo, a Colemar, o semeador do futuro, na palavra de José Mendonça Teles, para quem dois grandes objetivos de uma Academia de Letras encabeçavam seus propósitos: o de que uma Academia, como a nossa, pioneira e baluarte da cultura, deveria ter, em primeiro lugar, a noção de que o principal objetivo seria o de fortificar a visão do que ela representa para os acadêmicos, não só como um espaço de confraternização, mas, sobretudo, como espaço de discussões e produções literárias, no sentido de produzir novos horizontes, de ampliar sua rede de atuação e socialização para outros centros culturais de nosso Estado, já existentes ou a serem estabelecidos, como os de Universidades, de cidades do interior o que hoje desenvolvemos de maneira acentuada. E, ainda, apurar nossos recursos de ampliação eletrônica, revistas, palestras, teatros, música, contactando colégios estaduais como o Colégio Colemar Natal e Silva, ou federais, ou municipais, dinamizando a produção e a socialização.

Ewerton Freitas: A senhora acredita que um bom crítico literário deva ter algum tipo de formação específica em teoria literária?

Moema de Castro e Silva Olival: Sim. A Teoria Literária fornece as estruturas básicas a serem observadas, no correr de uma boa análise crítica. Só que a Teoria é apenas o esqueleto de um projeto cuja pele, função vital, é a linguagem literária, capaz de preencher as funções para as quais a obra foi destinada. E o conhecimento da Teoria abre os caminhos para garantir o efeito estrutural, encoberto pelo estético, da obra literária; os tipos de visão que ela nos fornecerá. Não se refere, hoje, a uma visão unívoca, mas plurívoca. Por exemplo: quem quiser fazer uma crítica exclusivamente extrínseca, sociológica, histórica, filosófica etc, não estará fazendo crítica literária, mas um ensaio no qual eles devem entrar apenas como subsídio, importante, sem dúvida para dimensionamento sócio, econômico, existencial do ser humano, enfocado na obra. Subsídios que serão avaliados na medida de sua arregimentação estética, capaz de organizar o mundo virtual que o escritor quis projetar

mediante sua linguagem. Também, quem quiser uma crítica exclusivamente estética, só estilística, na concepção de retórica, ainda que da nova retórica, por exemplo, estará pecando por omissão. Então, a obra literária deverá, por tudo que já foi exposto, ser avaliada na simbiose das visões ôntica e estética, segundo tive oportunidade de afirmar no meu livro premiado pela UBERJ, com o prêmio de crítica Antonio Olinto, *O Espaço da Crítica III*. Chegamos, assim, na ótica plural, com que tratamos a matéria, ao considerar a prática crítica atual. Se a vida é uma linguagem, se a linguagem, como expressou Heidegger, é a morada do ser, pesquisá-la na recriação pela literatura já é tarefa de uma metalinguagem, ou melhor, de uma linguagem especial: a da crítica.

Ewerton Freitas: Como avalia a literatura goiana ao longo dos tempos em que a senhora tem exercido sua atividade crítico-literária? Poder-se-ia falar numa evolução na (e da) literatura goiana?

Moema de Castro e Silva Olival: Sem dúvidas, podemos. Se após mudanças radicais que atingiram a nossa terra, com a revolução de 1930, com a mudança da capital, com a abertura das fronteiras de mentalidade, pondo-nos em contato com centros maiores, já portadores de novos valores, sobretudo literários, a consciência existencial deu um pulo. O homem é fruto de sua época, e a literatura é a expressão viva desse ser. A percepção dos novos tempos acompanhará a percepção de novos valores. Se tivemos na velha capital escritores como Luiz do Couto, padre Zeferino de Abreu, João de Minas, que teve grande influência sobre Bernardo Élis, este um dos marcos dos novos tempos, bem como Antônio Felix de Bulhões, Léo Lynce, Hugo de Carvalho Ramos e outros, então, podemos observar os “bafos” renovadores que se instalaram em nossa literatura. E, hoje, além da discutida geração de 45, o incentivo cultural do GEN (Grupo de Escritores Novos) jovens acadêmicos em sua maioria, conhecedores das literaturas internacionais, palestrantes que discorriam sobre Joyce, Sartre, William Faulkner, Proust, Rilke, Kafka e outros, muito contribuíram para a renovação dos quadros culturais do Estado. Na verdade, a renovação dos quadros culturais do estado já se havia renunciado desde o Batismo Cultural de Goiânia em 1942, com a reunião de intelectuais daqui e de fora, muitos deles passando a se aglomerar em torno da Revista Oeste (1942-1945). Depois, com a geração 45. Geração que teve em Bernardo Élis seu líder natural, reacendeu-se o interesse na busca de novos horizontes, ainda que fosse uma tentativa um tanto dispersiva, enfraquecida por oposições internas entre os “novos” e os “velhos”, segundo nos relatam Gilberto Mendonça Teles, em *A Poesia em Goiás*, e Oscar Sabino Jr., em *Goiânia Global*. A isto acrescentaria de modo especial, “novos” e “velhos” de cabeça, de modo de pensar, de visão. Então o GEN imprimiu, com o ímpeto dos jovens, uma busca mais determinada às tendências renovadoras. Por isso, atribuímos ao GEN o fato de que, com ele, se aprofundaram as condições de relação Homem-Literatura (o Homem apanhado nas profundezas de seus

desejos, através das frustrações do cotidiano) do peso de suas possibilidades e de suas responsabilidades no mundo cultural, de hoje. Escritores advindos do grupo GEN e que representam nossa linha de frente, como Miguel Jorge, Heleno Godoy, Yêda Schmaltz, Aidenor Aires, Luís Fernando Valladares, Geraldo Coelho Vaz, Maria Helena Schein, Aldair Aires, Eduardo Ramos Jordão Marietta Telles Machado, Emílio Vieira, Ciro Palmerston e outros, incluindo artistas plásticos e dramaturgos. Suas obras atravessaram o Paraná, e se impuseram na literatura nacional e internacional. Hoje, vivemos um quadro demonstrativo do alto grau da literatura em Goiás, e, claro, dos critérios da crítica moderna. Da crítica chamada de “Rodapé de jornal”, mais das vezes judicativa (bom, ruim), hoje temos uma crítica de interpretação, de análise, de avaliação (portanto valorativa) e, mesmo de recriação. Portanto uma crítica arregimentada em novos valores, em face do tempo novo que vive. Assim, uma práxis mais moderna e ativa, indagadora, questionadora, participante, sendo esta a tendência majoritária nos dias atuais. É preciso que ela dirima novos rumos; como disse Carlos Drummond de Andrade, “criticar é estar atento às áreas de silêncio entre as palavras” e usá-lo de modo a examinar atentamente o processo criativo, de modo que ilumine o leitor, lhes descortinando novas perspectivas existenciais, estéticas e culturais.

Ewerton Freitas: Qual é, em sua opinião, o papel da literatura na vida humana?

Moema de Castro e Silva Olival: Penso que, antes de tudo, abrir horizontes. A obra literária deve ser fator de enriquecimento cultural e emocional. Deve, aprimorando o sentimento regional, elevá-lo para o universal, e ser avaliada na simbiose das visões ôntica e estética. Aqui, temos exemplo do Bernardo Élis, J. J. Veiga, Hugo de Carvalho Ramos e tantos outros que praticavam o famoso pensamento de Tolstoi: “se quiseres ser universal, fale de sua aldeia.” A obra deles não é só documental. É temperada pelo subjetivismo, esteticamente explorado, liberando a personagem que se expressa sem a ajuda do autor. O chamado fluxo da consciência (*stream of consciousness*) é mais livre, mais espontâneo na forma de expressão, não possuindo, portanto ordenação lógica. E, então, sob influência da ruptura com o lógico, o espaço analógico trazido pelo modernismo, cria novos níveis de interpretação e percepção da obra. Por isso, devemos atentar para o tipo de leitor, segundo a recomendação de Umberto Eco. Para ele, a devida apreciação da obra literária depende do tipo de leitor. Primeiro, teríamos o leitor-modelo, interessado apenas, na história. Muitas vezes é o que ajuda a divulgar obras facilmente digeríveis, numa primeira leitura descompromissada e aliciadora de público fácil. Depois, o leitor-modelo de segundo nível, que chamaremos de semiótico, estético ou crítico, que relerá a obra tantas vezes quanto necessárias, e que se perguntará que tipo de leitor aquele texto pede que ele seja. Este, sendo possuidor de paladar esteticamente fino, estará, pois, interessado na linguagem. Então, segundo Umberto Eco, o leitor de primeiro nível quer saber “só o que acontece”, enquanto o de segundo nível, “como aquilo que acontece é narrado”. E, geralmente, para

percebermos isto, só o livro nos proporcionará esta leitura mais profunda, sendo insubstituível em relação à leitura rápida eletrônica, por exemplo, a de computador.

Ewerton Freitas: A cosmovisão do crítico (seus valores intrínsecos, possíveis dogmas) exerce alguma importância em sua atividade de ajuizamento de valor em relação às obras avaliadas?

Moema de Castro e Silva Olival: Claro. A cosmovisão do crítico fá-lo perceber todo o potencial ôntico, estético, ali arregimentado, “os silêncios ruidosos”, como os chamava Bernardo Élis, recursos que revelavam o potencial semântico, estilístico do texto, demonstrando as conquistas do modernismo, a ruptura do pensamento lógico, a força do inconsciente, a estética do feio, as metáforas contestatórias recriando esteticamente novas aberturas, como a superposição de duas realidades: a vida sonhada e a vida vivida, apoiando-se a imagem moderna no sentimento do autor, como exemplo: “O meu porquinho da Índia foi minha primeira namorada”, de Manuel Bandeira, ou “Tua presença é uma carne de peixe”, de Mário de Andrade, e , não, no plano real, objetivo. Haveria muito mais a demonstrar aqui, só que, numa entrevista, devemos ficar atentos às dimensões do espaço.

Ewerton Freitas: Na contemporaneidade, vive-se sob a égide do advento da Internet, uma de cujas consequências é o grande número de pessoas que podem produzir literatura e publicá-la em tempo real, em sites e blogs. De que forma a senhora vislumbra esse cenário?

Moema de Castro e Silva Olival: Penso que, certa forma, já nos adiantamos, na segunda questão, ao tratarmos dos procedimentos atinentes aos “leitores-um” e “leitores-dois”, ao saber que o “leitor-um” só se interessa pela história que foi contada, enquanto o “leitor-dois”, busca o modo com que foi contada. Isto mostra-nos uma diferença significativa. A leitura rápida do “leitor-um”, possível na internet, dificilmente superará a do “leitor-dois”, reflexiva e estética, aquele que atrás dos segredos da arte da narração, procurará, sempre, o livro, capaz de lhe fornecer diretrizes mais seguras, menos preocupadas com a rapidez de divulgação, satisfazendo-se, para seus objetivos, com o referido livro, fonte mais segura para a devida percepção dos volteios e arte do conteúdo, expresso pelas artimanhas da linguagem. Penso e desejo que o livro tenha, sempre, seu lugar seguro na estante dos escritores.

Ademir Luiz: Depois do GEN, apareceram alguns autores goianos que se destacaram,

contudo, não houve mais nenhum movimento literário com grande relevância e influência. Individualidades surgem; não grupos ou propostas estéticas com algum grau de coletividade. Como a senhora interpreta isso?

Moema de Castro e Silva Olival: No meu livro *GEN – um sopro de renovação em Goiás*, vol II, nas conclusões relativas às consequências do movimento, entrevistei vários escritores que se projetaram em nosso meio, inclusive os que, não pertencendo ao grupo, se identificaram com eles, como Aidenor Aires, que declarou ser o estímulo ao diálogo, e a busca de novos horizontes o que mais o admirava, entre os jovens do GEN; a busca de certo inconformismo com o “status quo” das letras, em Goiás, que à época tartamudeava algumas experiências modernistas, sufocadas por tradição romântico-parnasiana. Então surge aqui, o movimento Práxis em redor do qual se manifestaram, além de um elemento do GEN, Heleno Godoy, (*Os veículos*), outros como Luís Araújo, (*Ofício Fixo*), Carlos Rodrigues Brandão (*Mão de Obra*), Carlos Fernando Magalhães (*Matéria Prima*) estes não genianos, e se ligaram ao movimento Práxis, responsável, juntamente com outros movimentos do modernismo, como futurismo e surrealismo, pela ruptura do pensamento lógico, substituindo-o pelo analógico, introduzindo, assim a sintaxe espacial, portando, abonando e praticando tendências renovadoras do modernismo, trazendo, novas ideias libertadoras ao culto da tradição que o GEN sacudia; o grupo foi um dos introdutores do grupo Práxis em Goiás, abraçando a iniciativa de Mario Chamie e aumentando a onda de inquietação trazida pelas novas diretrizes, e novos limites na literatura. Carlos Fernando Filgueiras de Magalhães, por exemplo, teve grande atuação no teatro, artes plásticas e cinema, além de crítico literário. Não podemos nos esquecer do Prof. Ático, elemento expressivo de nossa cultura, com grande participação na UFG e que incentivou, para os genianos, a criação de uma Antologia e estimulando a ideia do Reitor de criar o jornal “O Quarto Poder”.

Ademir Luiz: De tempos em tempos ressurgem a polêmica acerca da presença ou não de livros de autores goianos nos vestibulares de nossas universidades. Alguns acadêmicos são totalmente contra, outros defendem que não apenas é justo como é necessário incluir prata da casa. Como a senhora se posiciona quanto a essa questão?

Moema de Castro e Silva Olival: Penso que, aí, já se entremostra o que mais reclamamos em nosso meio literário. A falta de valorização do que é nosso. A aversão de muitos estudantes à leitura, em nosso parecer, resulta de uma falta didática, ou do meio ambiente, e que vem desde o curso fundamental e médio, resultante da maneira superficial de explorar a leitura da obra, formando “leitores-um”, como aqui já designamos, ou seja, o que percorre a obra horizontalmente, preocupado apenas com a história, e, olha lá, com a obrigação do vestibular. Sem iniciativas, pois, de reflexões sobre a linguagem e suas potencialidades de

abrir horizontes, no caso, ajudando o aluno a crescer. Não nos esquecendo, de que o melhor cartão de visita da pessoa é a maneira de expressar-se, obedecendo com desenvoltura, ou a norma culta, ou coloquial, ainda aos quesitos que despertam o enfoque do valor da comunicação e da literatura.

Ademir Luiz: Ainda com relação ao tema dos vestibulares. Acredito que esse momento da vida estudantil, no qual o jovem está empenhado em acessar diferentes tipos de conhecimento, pode ser fundamental em sua formação enquanto leitor. Normalmente, as bancas universitárias indicam livros considerados “clássicos” como leitura obrigatória dos vestibulares. Muitos deles descontextualizados do horizonte de expectativas culturais do estudante, afastando-o do objeto livro, não promovendo o gosto pela leitura. Não seria mais produtivo contrabalançar, indicando também autores contemporâneos, que possam dialogar diretamente com o leitor jovem, servindo como ponte para futuras leituras de “clássicos”?

Moema de Castro e Silva Olival: A leitura da obra clássica é fundamental também, arregimentando o gosto pelas possibilidades da língua, tendo em vista as potencialidades de cada época, a respectiva visão existencial, permitindo a avaliação da linguagem dos escritores em foco. É, sempre, um enriquecimento da Cultura. Minha opinião, portanto é que o vestibular ofereça, na sua programação, oportunidades diferentes - literatura clássica e goiana -, como exercício da expressão, escrita, e coloquial; do apuro do raciocínio, dos fatores de qualificação do estilo. Assim, indicando obras que sugiram estas possibilidades. Por trinta anos exerci o magistério tanto no curso superior, mestrado e graduação, e, também, nos cursinhos preparatórios, onde mais se nota, infelizmente, esta maneira de agir: sem penetrar na leitura, sem dramatizá-la para despertar a sensibilidade e o prazer, sem discutir gêneros, o que ocorre principalmente no ginásio. Para terminar, relato o seguinte incidente. Convidada para dar palestra aos alunos de um bom colégio, alunos da última série do fundamental, alimentei a troca de ideias sobre os tipos de leitura que exercitavam. Na prosa, até que os meninos tiveram desembaraço. Parti, então para a poesia. Acreditem o que ele, o escolhido, afirmou, na frente de toda a sala: “Ah! Professora, poesia eu nem sei ler”. “Você não gosta?”, perguntei. “Ah, eu acho chato e difícil, e não tenho a prática”. Minha resposta foi “Quem se candidata?”. Silêncio. Mais tarde, conversei com professores da turma que me lembraram da urgência de programas que não exigiam esta experiência. Mas concordaram em ativar a leitura no referido gênero, capaz de alimentar a linguagem emotiva e a noção do estético na linguagem. Penso assim porque acho que o vestibular deve ser, apenas, a medida das experiências que os alunos conseguiram adquirir no correr de cursos anteriores, medidas reveladoras de suas possibilidades de progressão nos estudos seguintes.

Ewerton Freitas: A grande maioria dos escritores almeja ter uma obra na lista dos mais vendidos. Para a senhora, todo “intelectual” é um ficcionista em potencial ou há escritores que contribuiriam mais com a cultura de seu país se simplesmente não se dispusessem a escrever ficção?

Moema de Castro e Silva Olival: Esta me parece uma questão intrigante. Quem não quer ver o sucesso de seu trabalho? Penso que este é um desejo natural, inclusive para os intelectuais. Não diria que todo intelectual seja ficcionista. Por exemplo, um intelectual das ciências exatas, das ciências sociais ou filosóficas, pode não ter nenhuma vocação para a literatura, para a ficção. Mas nada impede que o seja. Tudo depende do temperamento do crítico.

Ademir Luiz: Com o livro *Contos (Des)armados*, lançado na Coleção Prosa e Verso da Prefeitura de Goiânia, a senhora estreou na literatura de ficção. Umberto Eco, quando lançou “O Nome da Rosa”, afirmou que se sentiu como um crítico de teatro que pulou para o palco e passou a ser observado por seus antigos cúmplices críticos sentados no escuro da plateia. A senhora teve uma sensação parecida? Como foi passar de crítica muito respeitada, como é Umberto Eco, para artista? Como tem sido a recepção do livro?

Moema de Castro e Silva Olival: Esta posição de crítica literária com sucesso, felizmente, sempre me orgulhou muito: vários prêmios, e grande aceitação de minhas treze obras. Mas, sempre fui uma pessoa curiosa, que sempre atentou para novos espaços, como a poesia, a ficção (espaços em que eu trabalho como crítica, sem dúvida), tendo grande amor à literatura, o que me pareceu viável, sinalizando como uma tentação natural, embora, para muitos, bastante atrevida, coisa que, aliás, parece que me caracterizou sempre. Por que não satisfazer nossas opções? O perigo era grande, mas tinha alguns contos e crônicas já escritas, publicadas em jornal, e com boa aceitação. Tentei. Não me arrependi. Vejam o belo prefácio do crítico Carlos Augusto Silva e o texto de orelha do escritor Ademir Luiz, apresentando o meu livro *Contos (Des) armados*. Com humildade solicitei aos escritores amigos que me mandassem as respectivas opiniões, gostando ou não. Depois do livro publicado, recebi diversas delas por escrito, como as do escritor e acadêmico Aricy Curvello, de Vitória, Espírito Santo, de Maria Helena Garrido, romancista, professora universitária, doutora em Letras, de Sandra de Pina, ex-aluna, pesquisadora e uma das melhores da turma, do ex-aluno, especializado em Literatura, Antonio Luzes, do escritor Edival Lourenço, Presidente da UBE-GO e que recebeu, este ano, para orgulho dos goianos o prêmio Jabuti, e do escritor Miguel Jorge, um dos líderes do GEN, cuja obra é polivalente. Na maioria dos casos as opiniões foram extremamente positivas, outras com observações ligeiras, sobre as quais gostaria muito de trocar ideias com os respectivos

autores, como por exemplo, o fato de o livro parecer traduzir apenas o ambiente universitário em que sempre vivi. Convém lembrar que se o espaço universitário foi sempre trabalhado pela ficção. Pergunto: qual o problema, se fatos e personagens atuam de modo tão diferentes entre si. Ainda, com tantos anos como crítica respeitável, por vezes o racional prevalece sobre o emocional. Até acredito, mas, creio, sem prejudicar a sequência literária ficcional do texto. De qualquer forma, agradeço a devida atenção dos que já me mandaram as opiniões, embora muitos tenham preferido fazê-las pelo telefone. Assim estou satisfeita, lamentando que por motivo de saúde ainda não tenha realizado um lançamento oficial deste livro de contos.

Ewerton Freitas: A relação estabelecida entre o crítico literário e o ficcionista com a obra é diferente? Em que medida sua atuação como crítica interfere em seu trabalho literário?

Moema de Castro e Silva Olival: Acostumada a lidar com o texto na condição de avaliadora e crítica, dentro da nova visão valorativa da crítica, sempre me preocupou a responsabilidade do encargo, feito com gosto, sem dúvida, mas com a consciência da seriedade do trabalho. Já como ficcionista, sentia a missão com mais leveza, não diria com mais prazer, mas, sem dúvida, com a satisfação de poder aplicar meus conhecimentos literários, sem perder de vista a responsabilidade com o leitor. Escrever, escrever, liberar a imaginação e sensibilidade, usufruir da liberdade de dar subsídios à minha própria história.

Ademir Luiz: Como foi a concepção do livro *Contos (Des)armados*? A senhora reuniu trabalhos que escreveu ao longo dos anos ou os produziu em conjunto, de maneira planejada, visando compor um volume específico?

Moema de Castro e Silva Olival: No momento em que resolvi “pular a cerca” de crítica para ficcionista, lembrei-me de alguns contos, e mesmo crônicas que havia escrito há tempos, alguns já publicados, e que tiveram boa receptividade dos colegas. Pensei: por que não? Preocupava-me alguma confusão que se fazia entre conto e crônica. Lancei em 2002, pela AGEPEL, o segundo livro da série “O Espaço da Crítica”, com o subtítulo *Crônica: Dimensão Literária e Implicações Dialéticas*. O livro teve grande aceitação, aqui e fora, e nele, pude fazer um retrospecto da crônica no Brasil, no uso tradicional, e hoje, no emprego moderno, particularmente, distinguindo-o do conto, com o qual, muitas vezes era confundido. É preciso lembrar sempre que não é por captar o efêmero, que a crônica terá de ser um texto efêmero. Não. O seu peso advirá do trato literário a que for submetida, trato que lhe garantirá a permanência no tempo. Então, examinando a obra de grandes cronistas, pelo Brasil e aqui em Goiás, vimos que a condição primeira e inerente à sua postura, a

necessidade de poder captar a essência do instante, filtrando-a conforme sua óptica crítica, emocional, filosófica, cultural, deve ser expressa literariamente. Muitas vezes, hoje, ainda se tem dúvida quanto à característica genérica fundamental do texto: crônica ou conto? Embora a dúvida não ocorra com tanta frequência como no começo do Modernismo, quando, por exemplo, o nosso destacado escritor Mário de Andrade mencionava que era conto tudo que se escrevia como conto, em nossos dias, estudiosos, como Cortázar, chegaram a um conceito mais sólido, esclarecendo a estrutura básica do conto, a saber. Conto é uma narrativa intuída, armada, em óptica subjetiva, com unidade nuclear do ponto de vista e poder seletivo de síntese expositiva, exigindo domínio criativo dos recursos da linguagem. Desde Cortázar, fica claro, que deve buscar e deve nocautear o leitor “deixando-o chapado da primeira à última linha”. Também, lembremo-nos de Ítalo Moriconi, em seu interessante ensaio intitulado “O que você conta de novo, geração 90?”. Interessante, que ele menciona também a capacidade do conto, sobretudo o tradicional, e, especificamente, o regional de abrigar, ainda, “a notação evocativa- descritiva, característica da crônica”. Sabendo disso, esclareço confusões que ocasionalmente podem ser achadas, por leitores deste livro, pedindo que não se esqueçam do potencial estético-estrutural de cada texto, e, também, que estejam atentos ao título do livro: *Contos (Des)armados*, pressupondo uma, ou outra liberdade, desarmando-a.

Ademir Luiz: Chama atenção nos trabalhos de *Contos (Des)armados* a presença constante de personagens intelectuais, acadêmicos, estudantes etc. A senhora escreveu sobre um universo que conhece bem, o da universidade. Certamente essa opção fortaleceu muito o livro, dando-lhe enorme verossimilhança. Alguns desses personagens e situações foram baseados em episódios e pessoas que a senhora conheceu ou testemunhou?

Moema de Castro e Silva Olival: Peguei personagens com que convivi, sem dúvida, mas quanto à filosofia e seqüências das respectivas ações, busquei as cores da ficção.

Goiânia-GO, julho e agosto de 2013.